



DISCURSO

& SOCIEDAD

Copyright © 2022
ISSN 1887-4606
Vol. 16(2) 420-441
www.dissoc.org

Artículo

**Futebol, ativismo e resistência:
uma análise (crítica) de discurso de
páginas do Facebook de torcidas
antifascistas de São Paulo (2019-2020)**

*Football, activism and resistance:
a (critical) discourse analysis of Facebook pages
of groups of antifascist football fans from São
Paulo (2019-2020)*

Felipe Tavares Paes Lopes
Universidade de Sorocaba – Brasil

Lupicínio Iñíguez-Rueda
Universidade Autônoma de Barcelona – Espanha

Resumo

Este artigo objetiva compreender de que maneira as torcidas antifascistas de futebol da cidade de São Paulo constroem discursivamente seu ativismo em suas páginas oficiais no Facebook e como essas construções discursivas produzem, reproduzem, contestam e/ou transformam significados que legitimam relações de dominação. A fim de alcançar esse objetivo, analisa 62 postagens dessas torcidas em suas páginas oficiais do Facebook. A partir dessa análise, indica que essas torcidas contestam a ideia de que a luta antifascista possa se dar dentro dos marcos da democracia liberal, caracterizando-a como uma luta antissistema. Também mostra que, a despeito de construírem seu ativismo como revolucionário, não propõem “revolucionar” o futebol e intervir na estrutura do próprio jogo.

Palavras-chave: *Futebol; Ativismo; Resistência; Redes sociais; Torcidas antifascistas.*

Abstract

This article aims to understand how groups of antifascist football fans from São Paulo discursively construct their activism on their official Facebook pages and how these discursive constructions produce, reproduce, contest and/or transform meanings that legitimize relations of domination. To achieve this goal, it analyzes 62 posts from these groups on their official Facebook pages. Based on this analysis, it indicates that these groups contest the idea that the anti-fascist struggle can take place within the framework of liberal democracy, characterizing it as an anti-system struggle. It also shows that, despite constructing their activism as revolutionary, they do not propose to “revolutionize” football and intervene in the structure of the game itself.

Keywords: *Football; Activism; Resistance; Social networks; Antifascist football fans.*

Introduçãoⁱ

Este artigo insere-se no campo de estudos sociopolíticos do esporte e trata das torcidas antifascistas de futebol da cidade de São Paulo. Tal campo emergiu na Europa, no fim da década de 1960 e início da década de 1970, em um ambiente marcado por uma série de revoltas estudantis contra o *status quo*. Até então, o esporte era visto como um mundo à parte, um espaço apolítico, sendo tratado de forma muito esporádica e assistemática pelas Ciências Humanas e Sociais (Bracht, 2011). Motivados(as) por essas revoltas, alguns(mas) pesquisadores(as) – a maioria ligada à chamada “Escola Alemã” – passaram a criticar o papel desempenhado pelo esporte (ao menos, pelo esporte-espetáculo) nas sociedades capitalistas. Essas críticas foram retomadas, em meados da década de 1970, por Jean Marie Brohm (1993), que buscou explicar as relações dialéticas entre esporte e sociedade. Baseando-se nas obras de Karl Marx e Louis Althusser, o autor compreendeu o sistema esportivo como um Aparelho Ideológico de Estado (AIE), que distrairia as massas e afastaria as pessoas de uma participação política consciente.

No Brasil, o futebol também foi inicialmente interpretado através das lentes teóricas do marxismo-althusseriano, bem como daquelas fornecidas pela primeira geração da Escola de Frankfurt. De maneira geral, esses estudos iniciais compartilharam a tese de que o futebol pode ser considerado uma variante do “ópio do povo” e deve ser entendido por meio de duas noções-chave: alienação e controle dos trabalhadores (Lovisol, 2011). Um dos estudos mais emblemáticos desse período é o de Ramos (1984), que defende a ideia de que o futebol é um AIE, que desestabilizaria as contradições do capitalismo e impediria a emergência de uma consciência crítica. Em outras palavras: do seu ponto de vista, o futebol serve para ocultar injustiças e problemas sociais, reduzindo as chances de compreendê-los e resolvê-los.

Esse tipo de leitura do futebol, todavia, começou a ser questionado na primeira metade da década de 1980. O livro “Universo do Futebol”, organizado pelo antropólogo Roberto da Matta, exerceu um papel de destaque nesse questionamento. DaMatta (1982) insere-se numa tradição intelectual que busca compreender o Brasil do ponto de vista da periferia. Ao fazer isso, atribui ao futebol um caráter positivo, como se fosse capaz de promover tanto uma experiência democrática quanto a produção da unidade e da identidade nacionais. Diferentemente de outros setores da sociedade brasileira, o que contaria no futebol não seria o grau de parentesco ou de afinidade política, mas a qualidade técnica. Com efeito, o futebol, do ponto de vista do autor, é um espaço onde todos(as) possuem a mesma chance de mostrar suas habilidades e de vencer, e não um espaço marcado pelo utilitarismo político, como se não passasse de um mero instrumento a serviço dos projetos da classe

dominante. A despeito dos avanços trazidos por essa perspectiva, há uma série de críticas dirigidas a ela. Vaz (2002), por exemplo, argumenta que DaMatta minimiza a violência que os(as) atletas exercem contra o próprio corpo para chegar à alta performance e o fato de o futebol ser um elemento da indústria cultural.

Entendendo que a análise do futebol não pode perder de vista sua relação (umbilical) com a referida indústria e, ao mesmo tempo, não deve sobrestimar seus efeitos narcotizantes, na última década, uma série de estudos (Santos, 2017; Santos e Helal, 2016; Lopes e Hollanda, 2018a; 2018b; Lopes, 2019) tem discutido as lutas e estratégias de resistência levadas a cabo por torcedores(as) de futebol contra, entre outras coisas, a hipermercantilização do esporte, que estaria cada vez mais arraigado dentro da lógica midiática e da complexa produção esportiva. Essa preocupação com essas lutas e estratégias segue uma tradição de pesquisa, desenvolvida no âmbito dos estudos culturais (Kellner, 2001), que tem focalizado as “pequenas” estratégias de resistência empregadas por diferentes grupos sociais na vida cotidiana, ao invés de privilegiar as “grandes” lutas operárias, organizadas pelos sindicatos e partidos políticos.

Adotando esse enfoque de pesquisa, neste artigo, optamos por nos debruçarmos sobre as torcidas antifascistas dos clubes mais populares da cidade de São Paulo, com o objetivo de compreender de que maneiras essas torcidas constroem discursivamente seu ativismo em suas páginas oficiais no Facebook e como essas construções discursivas produzem, reproduzem, contestam e/ou transformam significados que legitimam relações de dominação (de gênero, raça, classe etc.). Para alcançar esse objetivo, organizamos o trabalho em quatro seções: na primeira, apresentamos o contexto de emergência de tais torcidas. Na segunda, indicamos os conceitos que nortearam e embasaram as análises aqui realizadas. Na terceira, descrevemos os procedimentos metodológicos empregados. E, na quarta e última, discutimos os principais resultados das análises.

Emergência das torcidas de futebol antifascistas

Nascido da resistência a Hitler e Mussolini durante as décadas de 1920 e 1930, o movimento antifascista busca proteger as comunidades da violência de tal regime. Para tanto, seus(uas) integrantes costumam empregar uma série de estratégias de ação direta, tais como: infiltrar-se em grupos fascistas para semear a discórdia, impedir fisicamente suas manifestações, abafar os discursos de suas lideranças e destruir suas pretensões de anonimato. Esse movimento não é estático e foi modificando-se ao longo do tempo e, atualmente, enfrenta a extrema direita de forma geral (Bray, 2017). Tal enfrentamento tem sido realizado nas mais diferentes esferas da vida social,

alcançando o universo do futebol – inclusive, algumas torcidas chegaram a ganhar fama mundial pelo seu ativismo político, como a do Sankt Pauli, de Hamburgo (Alemanha).

No Brasil, o fenômeno das torcidas antifascistas é recente: a primeira torcida desse tipo que se tem notícia é a Ultras Resistência Coral, do Ferroviário Atlético Clube, do Ceará, fundada em 2005. De maneira geral, essas torcidas constituem pequenos agrupamentos e não se confundem com as tradicionais torcidas organizadas (Lopes e Hollanda, 2018a). Estas últimas contam com um número muito maior de integrantes e possuem um histórico de rivalidade violenta, além de serem mais estruturadas, burocráticas e empresariais (Teixeira, 2003). Ademais, ainda que tenham nascido para atuarem como mecanismos de pressão no universo do futebol, elas não possuem um perfil político-ideológico claramente definido. Já as torcidas antifascistas agregam torcedores(as) anarquistas, comunistas e socialistas em geral, que tendem a sobrepor seus ideais políticos às rivalidades clubísticas, promovendo ações conjuntas.

Surgidas, em sua maioria, em meados da década de 2010, as torcidas antifascistas ganharam mais visibilidade pública no ano de 2020, após participarem de manifestações de rua a favor da democracia e contra o governo do presidente Jair Bolsonaro. Essas manifestações foram capitaneadas por integrantes de torcidas organizadas e ocorreram em diversas cidades do país, como Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo, em plena pandemia da Covid-19. Neste período, não apenas a situação sanitária do país era preocupante, como também aconteciam manifestações de rua organizadas pela extrema direita, que, além de demonstrarem apoio ao referido governo, defendiam pautas antidemocráticas, como a volta do regime militar.

O surgimento das torcidas antifascistas ocorreu sob condições sociais e históricas muito específicas. Sem nenhuma pretensão de exaustividade, destacamos, em primeiro lugar, a realização de megaeventos esportivos no Brasil, como a Copa do Mundo de 2014. Esta foi marcada por escândalos de corrupção e projetos políticos e de intervenção urbana que foram contestados pelos movimentos sociais, devido ao seu caráter autoritário e antipopular (Tanaka e Consetino, 2014). Ademais, a fim de atender às exigências da Federação Internacional de Futebol (FIFA) e de adequar nossas praças esportivas a parâmetros internacionais de segurança e conforto, foram reformados os principais estádios de futebol do país e construídos vários outros. De acordo com Mascarenhas (2014), essas reformas e construções contribuíram para fortalecer o processo de elitização do futebol e para a ampliação do controle dos(as) torcedores(as), que tiveram suas possibilidades de expressão (individual e coletiva) reduzidas.

Em segundo lugar, o advento de novas formas de comunicação móveis e em rede, bem como do ativismo digital. Desde os anos 1990, a internet vem

dando suporte a movimentos globais e locais, impactando as formas de ação social e contribuindo para reformular os conceitos de participação, espaço democrático, identidade coletiva e estratégia política. Como observa Iñíguez-Rueda (2019), as redes sociais digitais não devem ser entendidas como um mero recurso utilizado pela ação coletiva, mas como constitutivas de tal ação, ou seja, como parte intrínseca dos elementos que a compõem. Afinal, de acordo com Di Felice (2013), os ativismos realizados dentro e fora do cyber espaço possuem uma contínua interação e ligação. Por exemplo, uma ação surgida nas redes sociais digitais pode, rapidamente, espalhar-se para as ruas. Da mesma forma, uma manifestação de rua pode ser filmada, fotografada e, rapidamente, colocada nessas redes, difundindo-se imediatamente para o mundo todo. Além de contribuir para a divulgação dessas manifestações, as novas formas de comunicação móveis e em rede ajudam a organizá-las. Muitas vezes, os(as) manifestantes permanecem conectados(as) e decidem suas ações por meio da interação contínua com as redes sociais digitais e por meio da troca de informação instantânea com outros(as) manifestantes.

Em terceiro lugar, a formação e mobilização, nos anos 2010, de movimentos e coletivos de jovens autonomistas. De acordo com Gohn (2018), estes movimentos possuem repertórios, linguagens e performances distintos dos movimentos sociais “clássicos”, que lutam por terra ou moradia, e dos movimentos da década de 1980, que lutam pela preservação do meio ambiente ou estão ligados a demandas identitárias específicas (de gênero, raça, idade etc.). Herdeiros(as) dos movimentos antiglobalização dos anos 1990 e 2000, os(as) jovens autonomistas organizam-se de forma horizontal, operam por meio da ação direta e adotam uma postura crítica frente às formas tradicionais de se fazer política, principalmente daquelas feitas pelos sindicatos e partidos políticos. Além de protagonizarem as jornadas de Junho de 2013, realizaram uma série de mobilizações contrárias a alguns acontecimentos no campo da educação, tais como: a elaboração do projeto “Escola Sem Partido”, a retirada de conteúdo sobre a questão de gênero no currículo escolar e o fechamento de escolas estaduais em São Paulo.

Em quarto e último lugar, a ascensão da extrema direita no Brasil. Até então pouco habituada a manifestações e protestos, a (nova) militância de direita e extrema direita começou a disputar espaço nas ruas com a militância de esquerda já na segunda metade das Jornadas de 2013, quando se passou a observar práticas de natureza fascista, como o ataque a símbolos e bandeiras de sindicatos e partidos de esquerda. A escalada de tensões políticas no Brasil acentuou-se nas eleições presidenciais de 2014, vencidas por Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT). Nos anos subsequentes, a (nova) militância de direita e extrema direita realizou painéis e grandes manifestações a favor da cassação do seu mandato, ocorrida em 2016. Em 2018, Jair Bolsonaro venceu as eleições presidenciais e consolidou a chegada

ao poder da extrema direita (Lopes e Hollanda, 2018a). Em 2020, como já antecipamos, ocorre uma série de manifestações contra ele, com a intensa participação de torcidas de futebol, incluindo as antifascistas.

Linguagem, discurso e resistência

Uma vez apresentadas as condições sociais e históricas de emergência das torcidas antifascistas, cabe, agora, indicar o referencial teórico adotado. Mais exatamente, cabe apresentar e relacionar os conceitos de linguagem, discurso e resistência. Começamos pelo primeiro. Seguindo os caminhos abertos e trilhados por autores(as) construcionistas (Potter, 1998; Iñiguez-rueda, 2002; Ibáñez, 2004), rejeitamos a ideia cartesiana de que a linguagem seja apenas uma roupagem por meio da qual nossas ideias são apresentadas ao exterior e se tornam visíveis para os outros. Na verdade, entendemos que a linguagem é condição do pensamento, ou seja, que ela produz ideias. Mas não apenas ideias, também identidades, relacionamentos e práticas sociais. Nesse sentido, entendemos que a linguagem participa ativamente da criação da vida social, ao mesmo tempo em que é por ela constituída e regulada. Afinal, faz parte da sociedade; não é algo externo a ela. Em outras palavras, do nosso ponto de vista, a linguagem e a sociedade estabelecem uma relação de dualidade interna e estrutural. Seguindo essa lógica de raciocínio, consideramos que o discurso pode ser definido como "[...] um conjunto de práticas linguísticas que mantêm e promovem certas relações sociais" (Iñiguez-Rueda, 2002, p. 170), ou seja, como um conjunto de práticas linguísticas que podem tanto reproduzir quanto minar as estruturas de dominação da sociedade. Neste último caso, poderíamos dizer que ele está a serviço da resistência.

Notemos que, a fim de evitar a tendência, observada por Kellner (2001), de alguns estudos culturais de louvar a resistência *per se*, essa concepção de resistência reforça seu elo com a questão da dominação. Engajar-se numa prática de resistência significa, aqui, portanto, fazer frente às assimetrias permanentes, que resultam em desigualdades, opressões e injustiças sociais. Isso não significa, todavia, limitar a resistência àquela feita em grande escala e de forma coletiva e organizada, como a levada a cabo por partidos revolucionários, sindicatos e movimentos sociais. Não significa, portanto, se interessar, como faz parte das organizações de esquerda e analistas sociais, somente pelas associações que organizam a luta política mais ampla. Conforme Scott (2004), há muitas formas de resistência cotidianas em pequena escala, sem organização formal ou líderes oficiais. Logo, podemos afirmar que a luta social e, portanto, as possibilidades de transformação da sociedade ocorrem também de forma oculta – em pequenos gestos, em cochichos quase inaudíveis e em boicotes invisíveis aos olhos dos grupos

dominantes. Com efeito, seguindo Martín-Barbero (2013), consideramos que as práticas cotidianas não são nem irrelevantes nem insignificantes para o estudo da resistência.

O estudo da resistência, todavia, não pode perder de vista que uma prática contestatória pode provocar, às vezes, a sua própria contradição. Por exemplo, uma ação destinada a fazer frente a uma medida governamental vista como autoritária pode levar à ampliação dos mecanismos de controle sobre a população. Também precisa levar em conta que um mesmo discurso pode, num determinado contexto, ser utilizado para se contrapor a assimetrias sociais e, em outros, para mantê-las. O discurso a favor da igualdade, por exemplo, pode tanto dar sustentação a um movimento abolicionista quanto ao mito da meritocracia. E, por fim, precisa ter mente que um mesmo discurso, inserido em um mesmo contexto, pode (re)afirmar certas formas de dominação e contribuir para refutar outras. Por exemplo, um discurso inflamado de um sindicalista contra as condições de trabalho precárias pode ser interpretado como uma manifestação de resistência da classe trabalhadora contra a burguesia e, ao mesmo tempo, ser classificado como sexista, por empregar expressões machistas. Em suma: é preciso considerar que as práticas de resistência possuem sempre um caráter ambíguo, fluído e contraditório.

Método e procedimentos

Seguindo o argumento de que a metodologia não tem *status* próprio, necessitando ser definida dentro de um marco teórico de referência (Luna, 2006), decidimos adotar uma metodologia de análise de discurso coerente com os conceitos de linguagem e discurso apresentados acima. Desta forma, entendemos que tal análise não deve buscar captar uma (suposta) realidade que se esconde por detrás da superfície textual, mas, sim, estudar de que maneiras as práticas linguísticas atuam, no presente, mantendo e/ou promovendo relações sociais (Iñiguez-Rueda, 2002). Este objetivo da análise de discurso estabelece a possibilidade de investigarmos, portanto, o papel do discurso na sobrevivência ou transformação das estruturas e mecanismos de dominação (Rojo, 2005). Por conseguinte, abre-nos a possibilidade de realizarmos aqui uma análise crítica das construções discursivas do ativismo das torcidas sob investigação, examinando seus aspectos potencialmente contestatórios, que podem representar formas de resistência.

Construção do *corpus*

Uma vez apresentado o tipo de análise do discurso que norteou a discussão feita aqui, descrevemos seu passo a passo. Para compreendermos como as

lutas das torcidas antifascistas são discursivamente construídas por elas próprias, debruçamo-nos sobre as páginas oficiais no *Facebook* de torcidas antifascistas do Corinthians (Coringão Antifa 2.0ⁱⁱ), São Paulo (Resistência Tricolor Antifascistaⁱⁱⁱ) e Palmeiras (Palmeiras Antifascista^{iv}). A escolha por essas torcidas deve-se ao fato de esses clubes serem os mais populares da cidade de São Paulo, possuindo, juntos, a preferência de 67% do total de seus(uas) moradores(as) (UOL, 2017) e de 28% do conjunto da população brasileira (CASTRO, 2019). Por sua vez, a opção por analisar as páginas oficiais no *Facebook* dessas torcidas deve-se, em primeiro lugar, porque essas páginas são públicas, ou seja, estão eticamente abertas para a análise. Em segundo lugar, porque constituem um elemento-chave no processo de construção e difusão de suas pautas, além de contribuírem para a mobilização e organização da sua luta política. A fim de fornecermos uma visão geral dessas páginas, apresentamos alguns dados relativos a elas no quadro abaixo.

Quadro 1 – Dados das páginas oficiais no Facebook das torcidas antifascistas obtidos em 23/07/2020

Nome da página	Data da criação da página	Número de curtidas	Número de seguidores/as	URL
Coringão Antifa 2.0	15 de janeiro de 2019	4.008	4.176	https://www.facebook.com/CorinthiansAntifascista/
Palmeiras Antifascista	21 de abril de 2014	28.680	29.012	https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/
Resistência Tricolor Antifascista	6 de novembro de 2018	1.130	1.154	https://www.facebook.com/ResistenciaTricolorAntifascista/

Após definir as páginas que seriam examinadas, o passo seguinte foi decidir quais materiais discursivos constituíram efetivamente o *corpus* da pesquisa. Como nosso objetivo era saber como as próprias torcidas antifascistas constroem sua luta política, optamos por analisar apenas os *posts* por elas publicados. Sendo assim, deixamos de lado aqueles que somente compartilhavam um *link* para um vídeo ou matéria jornalística sem nenhuma informação adicional, bem como excluímos os comentários dos(as) internautas. Uma vez decidido isso, o passo subsequente foi definir quais *posts* publicados seriam efetivamente analisados. Uma possibilidade seria focalizar os mais comentados ou curtidos. Este critério, todavia, não parecia ser o mais adequado, uma vez que nossa preocupação não era com a repercussão das postagens. Diante disso, optamos por selecionar as postagens das torcidas durante dois períodos – de 16/05/2019 a 15/06/2019 e de 16/05/2020 a 15/06/2020. –, contabilizando um total de 62 mensagens.

Destas, 17 foram postadas na página do CA 2.0; 40, na do PA; e apenas 5, na da RTA^v.

A escolha por examinar o primeiro período deve-se ao fato de ele abarcar uma série de manifestações de rua, com a intensa participação das torcidas antifascistas, conforme já antecipamos. Manifestações que geraram uma série de *posts* nas suas páginas oficiais do *Facebook*, fornecendo um rico “caldo discursivo” para a investigação de como elas compreendem sua militância política. Já a escolha por nos debruçarmos sobre o segundo período justifica-se pois, durante o primeiro, não houve partidas de futebol, devido à COVID-19. Sendo assim, se nos limitássemos apenas a ele, perderíamos a oportunidade de entender como as torcidas em questão compreendem o papel de sua militância no dia-a-dia do futebol brasileiro. Diante disso, decidimos analisar o mesmo período do ano anterior. Período que, vale salientar, foi de intensa atividade dos clubes brasileiros, ocorrendo jogos da Copa do Brasil, Campeonato Brasileiro, Copa Sul-americana e Copa Libertadores da América.

Tratamento e análise do *corpus*

Uma vez selecionados os 62 *posts* a serem analisados, identificamos seus temas.. De acordo com van Dijk (2003, p. 152, tradução nossa), um tema pode ser definido como uma “macroestrutura semântica”, ou seja, como

[...] os significados globais que os usuários de uma língua estabelecem mediante a produção e a compreensão de discursos, e que representa a ‘essência’ do que mais especialmente sugerem

Trata-se, grosso modo, daquilo a que se refere o discurso. Daquilo que confere coerência a ele. De uma macro proposição que sintetiza suas principais proposições. Todavia, um tema, segue o autor, não pode ser observado diretamente. Ao contrário, precisa ser inferido. Para inferir os temas das postagens sob análise, identificamos os principais argumentos presentes nos seus textos e buscamos relacioná-los com as imagens que os acompanham (quando eram acompanhados por imagens^{vi}). A análise dos temas justifica-se, aqui, por duas razões: primeira, pode ser aplicada a um conjunto de dados amplos,. Segunda, um tema desempenha um papel fundamental no processo de comunicação e de interação social. Afinal,

os usuários de uma língua não são capazes de memorizar e manejar todos os detalhes do significado de um discurso, e, portanto, organizam mentalmente esses significados mediante significados ou temas globais (p. 152, tradução nossa).

Uma vez identificados os temas das postagens, analisamos como foram discursivamente construídos. Ao realizarmos tal análise, concentramo-nos, em primeiro lugar, na sua intertextualidade, ou seja, na forma como tais postagens articulam diversas vozes, respondendo a outros textos e antecipando respostas (Fairclough, 2001). Em segundo lugar, nas estratégias de legitimação e deslegitimação das representações dos acontecimentos, das relações sociais e dos atores sociais nelas abordados, bem como da argumentação por elas posta em jogo (Rojo, 2005). Ao nos debruçarmos sobre essas estratégias, consideramos que elas podem tanto reforçar quanto serem reforçadas por outras estratégias discursivas, como a naturalização. Por exemplo, com frequência, a divisão socialmente instituída do trabalho entre homens e mulheres é tratada como o resultado das características fisiológicas dos sexos a fim de se fazer crer que essa divisão é legítima (Thompson, 2000). O estudo das estratégias de legitimação e deslegitimação justifica-se, aqui, uma vez que elas são fundamentais para persuadir os(as) receptores(as) das mensagens das páginas de *Facebook* das torcidas sob investigação de que a forma como concebem o antifascismo é adequada e de que suas pautas são justas e dignas de apoio.

Resultados e discussão

A fim de tornar a apresentação e a discussão dos resultados mais organizadas, dividimos esta seção em dois tópicos: na primeira, analisamos os sentidos de antifascismo veiculados nas páginas de *Facebook* sob investigação. Já na segunda, debruçamo-nos sobre suas pautas principais.

Sentidos de antifascismo

Na análise das postagens selecionadas, observamos que duas delas (uma da PA e outra do CA) possuem como objeto de discussão o próprio termo antifascista^{vii}. De modo geral, podemos dizer que as proposições dessas postagens expressam a ideia – amplamente difundida dentro do movimento antifascista – de que o referido termo não deve ser aplicado a todos(as) os(as) opositores(as) do fascismo, mas a um movimento de esquerda que busca combater o fascismo por meio da ação direta. Partindo da noção de intertextualidade, podemos dizer que, ao defenderem essa ideia, essas postagens oferecem uma resposta à forma como vários setores da sociedade brasileira têm se apropriado e (res)significado o termo^{viii}. Resposta que, em última instância, visa deslegitimar essa apropriação e (res)significação e, ao mesmo tempo, legitimar sua própria versão do que caracteriza a luta antifascista. Analisemos as duas postagens:

O termo Antifascista deve ser popularizado, mas nunca banalizado, entenda o que é Antifascismo e suas origens históricas: O Antifascismo foi um movimento que começou na década de 30, com a intenção de unir as divergentes correntes da esquerda em uma frente única, em prol de combater um inimigo em comum: O Fascismo. Nem todos os opositores do fascismo se rotulavam antifascistas, por entender que esse é um movimento apartidário, revolucionário, combatente e de rua, protagonizado pelas esquerdas. Esses opositores do fascismo, que não se rotulavam antifascistas, por sua vez, formavam uma frente ampla composta por liberais, democratas, republicanos e progressistas que defendiam um viés de luta mais reformista e institucionalizado e menos incisivo. A ideologia e as ações antifascistas históricas, buscam uma ruptura radical e emancipatória com o sistema capitalista, usando de todos os meios para esse fim, inclusive protestos violentos e confrontos diretos com fascistas organizados. Portanto, por mais que você seja contra o fascismo e faça parte dessa frente ampla, se você é contrário aos Black Blocs, a radicalização da luta e defende o capitalismo, o fato de você se identificar como antifascista, é recorrente de um revisionismo histórico que visa distorcer esse termo pra colocar os extremos da esquerda e da direita no mesmo balaio. ANTIFASCISMO É INTERNACIONALISTA, ANTI-CAPITALISTA, CONTRA O RACISMO E A XENOFOBIA E REVOLUCIONÁRIO! (CA, 02/06/2020)

O antifascismo é uma plataforma de luta transnacional que, historicamente, congrega diversos grupos e atores políticos, especialmente correntes de esquerda. Os primeiros movimentos surgiram nas décadas de 20 e 30, organizando-se contra a ascensão do fascismo italiano, do nazismo e demais regimes totalitários que orquestravam a tomada do poder em outros países europeus. Na mesma época, no Brasil, a Frente Única Antifascista reuniu anarquistas, socialistas e comunistas no combate ao Integralismo, movimento fascista brasileiro confrontado e barrado pela resistência antifascista em episódios memoráveis, como a Batalha da Praça da Sé em 1934 (também conhecida como a "revoada das galinhas verdes"). Após a II Guerra Mundial, a contínua existência de movimentos ultradireitistas foi acompanhada pelo crescimento de um antifascismo combativo e cada vez mais criativo, difundido especialmente entre diversas subculturas urbanas, como o anarcopunk, e empregando diferentes táticas de luta, propaganda e ação direta. Antifascismo não é apenas a oposição ao fascismo, mas uma tradição de luta marcada pela diversidade de tendências, unidas de forma propositiva e combativa. Procure conhecer sua história, organize-se e lute! (PA, 04/06/2020)

Nos dois textos, o relato da história dos movimentos antifascistas desempenha um papel-chave para persuadir o(a) leitor(a) da pertinência de uma concepção mais restrita de antifascismo, fazendo crer que tal concepção seria digna de apoio porque estaria ancorada no passado. Nesse sentido, podemos dizer que ambas as torcidas buscam representar seu ponto de vista como legítimo se baseando em fundamentos tradicionais, ou seja, narrando uma história que insere o presente em uma tradição que é valorada positivamente (Thompson, 2000) – notemos, por exemplo, o uso do adjetivo “memorável” para qualificar um episódio passado de resistência. Aqui, vale salientar que, em ambas as postagens, a história dos movimentos antifascistas é contada de tal modo que

seu(ua) o(a) narrador(a) desaparece de cena – o que contribui, ao mesmo tempo, para dissimular o fato de ela ser uma construção e para revesti-la com as imagens da neutralidade e da objetividade. Com isso, as versões da história do movimento antifascista apresentadas pelo CA e pela PA passam a ser identificadas como representações fidedignas e corretas do passado – o que é fundamental para que a argumentação dessas torcidas não perca sua força. Afinal, a problematização do passado poderia levar à própria problematização do presente.

Há, todavia, uma diferença nas narrativas das duas torcidas: enquanto a do PA destaca algumas transformações pelas quais os movimentos antifascistas passaram após a II Guerra Mundial – indicando que são, em certo sentido, circunstanciais ao seu contexto histórico –; a do CA dá um “salto” da década de 1930 para os dias de hoje – sugerindo certa imutabilidade desses movimentos e cristalizando o ideário antifascista do período, que, segundo a torcida, não era compartilhado por “[...] liberais, democratas, republicanos e progressistas que defendiam um viés de luta mais reformista e institucionalizado e menos incisivo”. Ao cristalizar esse ideário, tal narrativa impede que o termo seja estendido a ponto de torná-lo coextensivo a qualquer um(a) que seja contrário ao fascismo, distinguindo, assim, as lutas (contra o capitalismo, contra o racismo e contra a xenofobia) e as estratégias de luta (internacionalista e revolucionária), que, do seu ponto vista, são centrais para enfrentar o fascismo. Nesse sentido, essa cristalização evita que o termo perca sua força política. Por outro lado, ela assume uma ontologia essencialista, uma vez que faz crer que o antifascismo possui propriedades intrínsecas, como se fosse um fenômeno transhistórico. Tanto é que o texto antecipa uma resposta do(a) leitor(a), classificando seu posicionamento (potencialmente) divergente como um “revisão histórico”, que visa “distorcer” o termo para “colocar os extremos da esquerda e da direita no mesmo balaio”, ou seja, para deslegitimar as ações da extrema esquerda. Construir o antifascismo dessa forma implica, em última instância, aceitar que ele preexiste às práticas fascistas que o instituem – ou, ao menos, que essas práticas não mudaram ao longo das décadas, o que não deixa de ser uma forma de anacronismo.

Por fim, é importante assinalar que ambas as postagens, no final, se dirigem diretamente ao(à) leitor(a). No texto da PA, o(a) leitor(a) é convocado(a) (notemos o uso do sinal de exclamação) a conhecer a história do antifascismo, a se organizar e a lutar. Já no do CA, a fim de evitar seu expurgo, ele(a) é “forçado(a)” a concordar com a posição da torcida. Afinal, caso contrário, seria, conforme já antecipamos, um(a) “revisão”. Em outras palavras: tal texto trata o(a) leitor(a) mais como alguém que deve ser submetido do que propriamente como alguém que deve ser convencido. Tratamento que pode ser interpretado como uma forma de a torcida buscar

silenciar possíveis questionamentos e discordâncias em relação ao seu posicionamento.

Pautas do antifascismo

Entre os assuntos mais discutidos nas postagens analisadas, destacam-se o racismo (6 postagens), o sexismo (8 postagens) e a LGBTfobia (5 postagens). A partir da análise dessas postagens, podemos afirmar que a militância antifascista das torcidas selecionadas envolve (ao menos no plano discursivo) o enfretamento dessas práticas. Reduzindo as macro proposições dessas postagens em uma macro proposição geral de nível superior (Van Dijk, 2013), podemos dizer que as torcidas antifascistas avaliam negativamente as referidas práticas (tanto dentro quanto fora dos estádios) e defendem que é preciso lutar contra elas, conforme exemplifica o estrato a seguir: “[...] relembremos a posição de todas e todos nós, como diz Angela Davis: ‘Numa sociedade racista, não basta não ser racista é necessário ser antirracista’” (CA, 21/05/2020).

Em relação especificamente à questão do racismo, podemos inferir, tanto de postagens retiradas das páginas do CA quanto do PA^{ix}, a seguinte macro proposição: o Estado e a polícia são racistas e conduzem um plano de extermínio da população negra. A partir dessa macro proposição, podemos dizer, primeiro, que o racismo é construído como um processo que possui agentes concretos, o que evita sua reificação. Segundo, que, ao assinalar a responsabilidade da polícia e do Estado em ações violentas contra população negra, essas páginas descontrolam a ideia de que esses agentes estariam a serviço de toda a população, criando uma imagem negativa deles e, conseqüentemente, legitimando ações que visam sua transformação ou eliminação. Os seguintes trechos abordam o caso de um menino assassinado em uma operação das polícias Militar e Civil no Complexo do Salgueiro, no Rio de Janeiro, e são ilustrativos: “O povo preto é o principal alvo da bala da polícia. [...] Vingaremos toda essa dor de seus familiares e continuaremos em luta permanente afirmando que as vidas negras importam!” (PA, 21/05/2020). “[...] esse é o plano de extermínio do povo preto conduzido pelo estado, não é incidente, não é por acaso, não é consequência, é tudo um plano, e cada vez mais está se expandindo. Pelo fim deste Estado e dessa polícia racista” (CA, 21/05/2020).

Outro ponto importante de se destacar é que tanto as páginas do CA quanto as do PA não se limitaram a tratar do racismo contra a população negra, mas, também, abordaram a questão da Palestina, compartilhando um vídeo produzido pela Al Jazeera acompanhado de um texto que acusa o Estado de Israel de promover uma limpeza étnica. Essa preocupação com a luta contra uma limpeza étnica ocorrida em outra parte do mundo expressa,

de certa forma, uma concepção internacionalista do movimento antifascista, reforçada por outras postagens, como já antecipamos no tópico anterior.

Em relação à questão do enfretamento da LGBTfobia, podemos identificá-la em uma série de mensagens que celebram a diversidade e denunciam o preconceito, tais como: “O futebol é do povo! Todas e todos são bem-vindos, o preconceito não. Drible a homofobia. NÃO GRITE BICHA, GRITE CORINTHIANS!” (CA, 17/05/2019); “Viva a diversidade, viva o antifascismo e a liberdade!” (PA, 17/05/2019); “No dia internacional de combate a LGBTfobia, queremos que todos os clubes de todas as divisões do Brasil se posicionem contra essa violência. [...] Ajude compartilhando #FutebolSemLGBTfobia e marcando seu clube do coração.” (PA, 17/05/2020); “Viva o amor^x” (RTA, 25/04/2019). Diferentemente das mensagens contra o racismo, há aqui uma clara interpelação do(a) receptor(a) da mensagem, que é posicionado(a), em alguns momentos, como um(a) LGBTfóbico(a) potencial: “NÃO GRITE BICHA, GRITE CORINTHIANS”. Esse posicionamento pressupõe que a LGBTfobia no futebol está naturalizada a ponto de ser exercida por seguidores(as) de uma página antifascista. Notemos que, no caso do tema do racismo, não há mensagens do tipo: “não seja racista!”. Mas, sim, “veja como eles(as) são racistas!”.

Em relação à questão do sexismo, as torcidas sob análise mostraram apoio a questões caras aos movimentos feministas, como a possibilidade de a mulher decidir fazer ou não um aborto: “ressaltamos aqui que o corpo é da mulher e cabe a ela escolher ser mãe ou não” (CA, 28/05/2019). Também abordaram e celebraram a participação das mulheres no universo do futebol. A RTA (02/06/2020), por exemplo, postou um desenho com a imagem de uma mulher de costas, trajada com a camisa 10 do São Paulo, segurando um sinalizador, dentro de um círculo onde se podia ler: “lugar de mulher é no estádio e onde ela quiser”. Já a PA (28/05/2019; 30/05/2019) dedicou dois *posts* à exposição “Contra-ataque: As mulheres do futebol”, ocorrida no Museu do Futebol, e um (04/06/2019) abordando uma ação de grafiteiras, que pintaram muros para a Copa do Mundo de Futebol Feminino. Também observamos *posts* divulgando jogos de futebol feminino. Este, inclusive, recebeu uma visibilidade similar ao masculino. Nesse sentido, podemos afirmar que as torcidas sob análise contribuíram para romper com a imagem dominante do futebol como “coisa de homem”. A seguinte chamada é particularmente interessante de ser examinada: “Vamos apoiar as mulheres do Palmeiras!”. Primeiro, notemos o uso da palavra “mulheres”, e não “meninas”, que muitas vezes é empregado pela imprensa esportiva e infantiliza as jogadoras de futebol. Segundo, observemos que ela convoca/convida o(a) seguidor(a) a apoiar o Palmeiras, coisa que não acontece na divulgação do futebol masculino – “Hoje é dia de Palmeiras!” (PA, 22/05/2019) –, o que pressupõe que o apoio ao segundo será natural ou

inevitável. Inclusive, em função da importância política dada ao futebol feminino, a convocação/convide por esse apoio pode ser lida como uma convocação/convide para a realização de uma ação direta^{xi}.

Outros dois assuntos abordados nas páginas analisadas são a elitização do futebol e as relações entre futebol e política. Três postagens trataram diretamente dessas questões. Em relação às referidas relações, um *post* da PA e outro do CA responde a um argumento, defendido por setores da mídia, de que futebol e política não se misturam. De acordo com o da PA (09/06/2020), é justamente por não ser “uma bolha à parte da sociedade” que o futebol deve ser disputado pelos movimentos antifascistas. Nesse sentido, o futebol é construído não apenas como parte da indústria do entretenimento, como algo que serve para divertir, mas como um espaço de conflitos e disputas políticas. Esse posicionamento afasta-se, em grande medida, das críticas pioneiras ao esporte, feitas nas primeiras décadas do século XX pelas organizações esportivas e de ginástica de trabalhadores(as) europeus(ias), que interpretavam os esportes competitivos e de rendimento – como o futebol – como um espelho da economia capitalista, ou seja, como uma atividade essencialmente burguesa. Atividade que serviria para disciplinar as massas trabalhadoras e desviar sua atenção da luta de classes e que, em última instância, estaria a serviço do militarismo e do fascismo (Bracht, 2011).

Sendo assim, se, por um lado, as torcidas sob investigação cristalizam o sentido de antifascismo oferecido pelos movimentos antifascistas do início do século XX; por outro, ressignificam a forma como esses movimentos interpretavam o papel dos “esportes-burgueses” nas sociedades capitalistas. Tanto é que, em nenhuma postagem, dão a entender que o futebol deve ser substituído por outro esporte de “mentalidade mais proletária”, que seja guiado não pelo princípio de competição, mas de solidariedade entre os membros da classe trabalhadora (Bracht, 2011). O que podemos observar, na verdade, é a defesa, mais ou menos explícita, da ideia de que o futebol deve ser reformado. Ideia que faz parte de uma narrativa – que circula entre torcedores(as)-ativistas e intelectuais, como Eduardo Galeano (Lopes e Hollanda, 2018b) – que idealiza o futebol em seus primórdios como uma atividade “pura” e “autônoma”, livre das exigências do mercado capitalista.

Não à toa, quando o tema é a elitização do futebol, a ideia de que esse esporte deve ser reformado vem acompanhada de um apelo pela volta ao passado, que produz certo saudosismo e nostalgia. Por exemplo, em um *post* do CA (22/05/2019), observamos a figura de uma criança, provavelmente retirada de uma foto dos anos 1950 (dados seu corte de cabelo e roupa), segurando um rádio, de onde sai um balãozinho (característico das histórias em quadrinho), onde se vê uma bola de couro antiga, que simboliza a luta global do movimento de resistência à (hiper)mercantilização do futebol (Lopes e Hollanda, 2018b). Essa bola aparece circundada pelo slogan de tal

movimento – “contra o futebol moderno” – e pelos seguintes dizeres: “contra qualquer preconceito”. Acima da figura, podemos ler a seguinte legenda: “devolvam o futebol pro povão^{xiii}”. Tal figura e legenda remetem-nos a um passado romantizado, uma vez que, nele, o futebol seria uma atividade popular e autêntica. Uma atividade que teria sido roubada do “povão” – notemos o uso do verbo “devolver”. Assim, somos levados a crer que o futebol se aburguesou e que, portanto, se corrompeu. Dessa forma, mais do que simplesmente afirmar a superioridade do passado em relação ao presente, o saudosismo e a nostalgia evocados pela figura e pela legenda em questão servem para legitimar a luta anticapitalista da torcida.

Considerações finais

Nesta pesquisa, buscamos compreender de que maneiras três torcidas antifascistas dos mais populares clubes paulistanos – Corinthians, Palmeiras e São Paulo – constroem discursivamente seu ativismo em suas páginas oficiais no *Facebook* e como essas construções discursivas produzem, reproduzem, contestam e/ou transformam significados que legitimam diferentes relações de dominação. Ao fazermos isso, sustentamos, entre outros argumentos, que esse ativismo se apoia numa concepção de antifascismo (principalmente, nas páginas do CA e da PA) que circunscreve o termo a um movimento de esquerda que busca combater o fascismo por meio da ação direta. Essa concepção contesta a ampliação do significado do termo, descrita, em uma das postagens analisadas, como uma forma de banalizá-lo. Essa contestação, por sua vez, busca atribuir, como é sugerido na mesma postagem, um caráter anticapitalista, antirracista, anti xenofobia internacionalista e revolucionário ao movimento. Esse caráter articula a luta contra o fascismo ao combate a formas de dominação (de classe, racial e de nacionalidade), que resultam em desigualdade e injustiças sociais, e o caráter internacionalista e revolucionário, a uma estratégia global de luta, que seria levada a cabo pela classe trabalhadora e que buscaria romper, de forma radical, com a ordem social (capitalista). Em outras palavras, tal concepção contesta a ideia de que a luta antifascista pode se dar dentro dos marcos da democracia liberal (ou burguesa), caracterizando-a, conseqüentemente, como uma luta antissistema.

O discurso antissistema é expresso em várias postagens, como aquelas que acusam o Estado e a polícia de serem racistas. Da mesma forma, o discurso anticapitalista, expresso, por exemplo, nas críticas à elitização do futebol. Longe de serem independentes, esses discursos se sobrepõem e se reforçam mutuamente, caracterizando o ativismo das torcidas investigadas como um ativismo revolucionário, aparentemente pouco afeito à democracia representativa. Não à toa, a única referência feita aos partidos políticos nas

três páginas analisadas é depreciativa – são chamados de “oportunistas”, que querem “aparelhar” as lutas sociais (CA, 31/05/2019). Diante disso, podemos afirmar que, em certo sentido, a forma como as torcidas em questão constroem discursivamente seu ativismo representa uma forma de resistência a um conjunto de estratégias e práticas de contestação do fascismo que é visto como insatisfatório e que, em última instância, estaria a serviço da manutenção de uma ordem social burguesa.

Todavia, a despeito de construir seu ativismo como revolucionário, nenhuma das torcidas examinadas propõe “revolucionar” o futebol e intervir na estrutura do próprio jogo. Elas não questionam, por exemplo, o fato de o futebol ser um esporte essencialmente competitivo e de a competição ser, como diria Brohm (1993), o alfa e o ômega do modo de produção capitalista. Ao contrário, adotam um discurso reformista, que busca “limpar” o futebol das “sujeiras” do mercado. Mas se, por um lado, esse discurso se choca com o ideal revolucionário das torcidas em questão; por outro, protege sua paixão pelo futebol. Afinal, como agrupamentos que se dizem anticapitalistas poderiam amar uma atividade essencialmente capitalista? Enfrentar o capitalismo e, ao mesmo tempo, apoiar um esporte capitalista faria do ativismo desses agrupamentos algo profundamente incoerente. A defesa da reforma do futebol também os permite se situarem de forma distanciada em relação aos problemas do esporte (hiper)mercantilizado, construindo a si mesmos como agrupamentos críticos, isto é, como agrupamentos que não se deixam se iludir pelas promessas e encantos da indústria esportiva.

Notas

ⁱ Agradecemos à Fapesp pelo apoio financeiro que permitiu a realização desta pesquisa (N. Processo 2020/03906-4).

ⁱⁱ A partir daqui, utilizaremos apenas a sigla CA para se referir à torcida.

ⁱⁱⁱ A partir daqui, utilizaremos apenas a sigla RTA para se referir à torcida.

^{iv} A partir daqui, utilizaremos apenas a sigla PA para se referir à torcida.

^v Apesar do pequeno número de posts encontrados e de um deles (29/06/2019), inclusive, não dizer respeito diretamente ao tema deste trabalho – pois apenas parabeniza o Fortaleza e o Rogério Ceni (ídolo do São Paulo e, na ocasião, treinador do Fortaleza) por mais um título –, optamos por manter a página da RTA como nosso objeto de análise pelas razões já expostas.

^{vi} Aqui, cabe observar que alguns vídeos também foram postados, mas estes não foram analisados.

^{vii} Não observamos nenhum post da RTA que aprofundasse essa discussão

^{viii} Após as primeiras manifestações de rua contra o governo do Bolsonaro, tal termo viralizou nas redes sociais virtuais e muitos(as) usuários(as) passaram a se autointitular “antifascistas” como forma de protesto contra tal governo, além de associarem o termo e seu símbolo característico (com duas bandeiras) a grupos sociais diversos. Surgiram, então, os padres antifascistas, os veganos antifascistas, os jornalistas antifascistas, os maconheiros antifascistas etc. (Fórum, 01/06/2020).

^{ix} Nenhum post da RTA abordou diretamente o tema.

^x Mensagem postada acima de uma foto da atacante do São Paulo e da seleção brasileira, Cristiane, e sua nova namorada. Na postagem, também há o link de acesso a uma matéria do diário esportivo Lance! sobre o romance das duas.

^{xi} Definido em uma das postagens da PA (22/05/2020) como uma forma de ativismo que “[...] se organiza de forma horizontal e autônoma para tratar diretamente daquilo que os envolve”.

^{xii} Esta faz alusão a um trecho de um dos gritos de guerra da maior torcida organizada do Corinthians, os Gaviões da Fiel.

Referências

- Bracht, V. (2011).** *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. (4 ed.). Ijuí: Ed. Unijuí.
- Bray, M. (2017).** *Antifa: el manual antifascista*. Madrid: Capitán Swing.
- Brohm, J. M. (1993).** 20 tesis sobre el deporte. In: J. M. Brohm et. al. *Materiales de sociología del deporte*. Madrid: LaPiqueta, pp. 47-55.
- Castro, L. P. (2019).** País do futebol? Os sem-clubes são a maior torcida do Brasil, diz Datafolha. *Veja*. 17 de set. de 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/pais-do-futebol-os-sem-clubes-sao-a-maior-torcida-do-brasil-diz-datafolha/>. Acesso em: 16 de julho de 2020.
- Damatta, R. (1982).** *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotek.
- Di Felice, M. (2013).** Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares. *Contemporânea: cultura e comunicação*, 11(2), pp. 267-283.
- Fairclough, N. (2008).** *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UNB.
- Fórum. (2020).** Depois das ruas, antifascismo domina as redes. *Fórum*. 01 de jun. de 2020. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/redes-sociais/depois-das-ruas-antifascismo-domina-as-redes-sociais/>. Acesso em: 12 de agosto de 2020.
- Gohn, M. G. (2018).** Jovens na política na atualidade – uma nova cultura de participação. *Caderno CRH*. 1(82), pp. 117-133.

- Kellner, D. (2001).** *A cultura da mídia. Estudos culturais; identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.* Bauru: EDUSC.
- Ibañez, T. (2001).** *Municiones para disidentes: Realidad-Verdad-Política.* Barcelona: Gedisa.
- Iñiguez-Rueda, L. (2019).** Las redes sociales y todo lo demás. La libertad, la ilusión de libertad y la construcción de libertad. *Libros e Pensamiento.* 98, pp. 35-42.
- Iñiguez-Rueda, L. (2004).** A análise do discurso nas ciências sociais: variedades, tradições e práticas. In: L. Iñiguez-Rueda (Coord.). *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais.* Petrópolis: Editora Vozes, pp. 105-160.
- Iñiguez-Rueda, L. (2002).** Construcionismo social. In: J. B. Martins, N-D. Hammouti & L. Iñiguez-Rueda (Orgs.). *Temas em análise institucional e em construcionismo social.* São Carlos: Rima, pp. 99-180.
- Lopes, F. T. P. (2019).** *Violência no futebol: ideologia na construção de um problema social.* Curitiba: CRV.
- Lopes, F. T. P. & Hollanda, B. B. B. (2018a).** “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios de São Paulo. *Tempo.* 24(2), pp. 207-232.
- Lopes, F. T. P. & Hollanda, B. B. B. (2018b).** “Futebol moderno”: ideologia, sentidos e disputas na apropriação de uma categoria futebolística. *Revista de Estudos Brasileños.* 5(10), pp. 159-175.
- Lovisoló, Hugo. (2011).** Sociologia do esporte (futebol): conversações argumentativas. In: R. Helal, H. Lovisoló & A. J. Soares (Orgs.). *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações.* Rio de Janeiro: EdUERJ, pp. 11-32.
- Luna, S. (2006).** *Planejamento de pesquisa: uma Introdução.* São Paulo: EDUC.
- Martín-Barbero, J. (2013).** *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. (7ed).* Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Mascarenhas, G. (2014).** *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol.* Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Potter, J. (1998).** *La representación de la realidad: discurso, retórica y construcción social.* Barcelona: Paidós.
- Ramos, R. (1984).** *Futebol: ideologia do poder.* Petrópolis: Vozes.
- Rojo, L. M. (2005).** A fronteira interior – análise crítica do discurso: um exemplo sobre o “racismo”. In: L. Iñiguez-Rueda (Coord.). *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais.* Petrópolis: Editora Vozes, pp. 206-257.

- Santos, I. S. C. (2017).** *Clientes versus rebeldes: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno*. Rio de Janeiro: Multifoco.
- Santos, I. S. C. & Helal, R. (2016).** Do espectador ao militante: a torcida de futebol e a luta pelo direito ao estádio e ao clube. *Tríade: Revista de Comunicação, Cultura e Mídia*, 3(7), pp. 54-69.
- Scott, J. C. (2004).** *Los dominados y el arte de la resistencia*. (2 ed). México D. F.: Ediciones Era.
- Tanaka, G. & Cosentino R. (2014).** Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro: movimentos sociais urbanos e novas articulações políticas. F. Sánchez, G. Bienestein, F. L. de Oliveira & P. Novais. (Orgs.). *A Copa do Mundo e as cidades: políticas, projetos e resistências*. Niterói: Editora da UFF, pp. 207-232.
- Teixeira, R. C. (2003).** *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo: AnnaBlume.
- Thompson, J. B. (2000).** *Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa*. (4. Ed). Petrópolis: Vozes.
- UOL. (2017).** O que você precisa saber sobre o tamanho das torcidas em São Paulo. *UOL*. 27 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/listas/o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-tamanho-das-torcidas-em-sao-paulo.htm>. Acesso em: 23 de julho de 2020.
- Van Dijk, T. A. (2008).** *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto.
- Van Dijk, T. A. (2003).** La multidisciplinarietà del análisis crítico del discurso: un alegato en favor de la diversidad. R. Wodak & M. Meyer. *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, pp. 143-178.
- Vaz, A. F. (2002).** DaMatta: o futebol como drama e mitologia. In: M. Proni & R. Lucena (Orgs.). *Esporte, história e sociedade*. Campinas: Autores Associados, pp. 139-164.

Notas biográficas

	<p>Felipe Tavares Paes Lopes é doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo e fez pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas, na Fundação Getúlio Vargas e na Universidade Autônoma de Barcelona. Atualmente, é docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba e desenvolve pesquisa sobre torcidas de futebol e antifascismo, com apoio financeiro da Fapesp. Seus temas de interesse são: construção de problemas sociais, ideologia, violência no futebol, ativismo esportivo e culturas esportivas. Entre outras produções, publicou o livro “Violência no futebol: a construção de um problema social” (Curitiba: CRV, 2019). E-mail: lopesftp@gmail.com</p>
	<p>Lupicínio Iñíguez-Rueda é doutor em Filosofia e Letras pela Universitat Autònoma de Barcelona, catedrático de Psicologia Social no Departamento de Psicologia Social da mesma universidade e membro do Instituto de Governo e Políticas Públicas (IGOP-UAB). Tem experiência na área de Psicologia Social e em metodologia das Ciências Sociais, com ênfase em métodos e técnicas de investigação qualitativa, análise do discurso e análise de políticas públicas. Entre outras produções, editou os livros <i>Análisis del Discurso. Manual para las Ciencias Sociales</i> (Barcelona: EDIUOC, 2003) e <i>Critical Social Psychology</i> (Londres: Sage, 1997). Este último em conjunto com Tomás Ibáñez. E-mail: Lupicinio.Iniguez@uab.cat</p>